ASSUMIR

BOLETIM NACIONAL DA ACO Ano XI – Junho a Setembro/90 – Nº 27

DESPEDIDA DE SALVADOR

SEIS MESES DE COLLOR

ASSUMIR

(Distribuição Interna)

**BOLETIM FORMATIVO
E INFORMATIVO
DA ACO**

**VINCULADA
AO SETOR LEIGOS
LINHA I – CNBB**

**ENDEREÇO
PARA PEDIDOS:
AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA
Rua Van Erven, 26 – Catumbi
20.211 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 242-7732**

**Composição e Arte-Final
Alpha Publicidade Ltda.
Tel.: 220-2030**

LEIA, REFLITA E DIVULGUE

ÍNDICE

- Editorial
- Saber Respeitar as Etapas
  Sônia e Joaquim Miranda – Osasco
- Metas para os Próximos 4 Anos
  Sônia Miranda
- Seis Meses Depois
  Luiz Sérgio da Mota Machado
- Sentido da Celebração
  Dalila R. da Silva
- Algumas Palavras Sobre Pe. Salvador
  Equipe do B. da Luz
- Passagem do Pe. Salvador em N.I.
  Equipe de Vila Eliza
- Pronunciamento do Cons. Permanente da CNBB
- Angústias e Alegrias dos Liberados
  Geraldo
- As Greves da Mauá e da Votorantim
- Apoio ao Movimento Grevista
- Sindicalismo Patronal de S.P.
- Volta Redonda e Suas Lutas
  Zezinho
- MOAC e MMTC
  Lázaro Silvano Ferreira
- Alguns Tópicos Sobre Irmã Maria Helena de Barra Mansa

Renove assinatura do Assumir para 1990. O Assumir é instrumento de conscientização. Incentive outros a assinar.

Utilize as publicações da ACO para sua formação.

Veja na 4ª capa a lista dos livros e faça seu pedido, pagando em seguida por reembolso postal.

EDITORIAL

Este número de ASSUMIR sai bem no quente das eleições. Os temas "Seis Meses Depois" e "Notícias Sindicais" ajudarão certamente para uma avaliação também da conjuntura atual. Até que ponto o engajamento político ajuda à libertação e fortalecimento da classe operária?

Os temas "Saber Respeitar as Etapas" e o plano de formação e ação da ACO nos próximos 4 anos, poderão nos levar a um novo embalo no Movimento.

Os relatos de despedida do Pe. Salvador, as notícias do Moac e MMTC, angústias e alegrias dos liberados, aprofundam as dimensões nacional e internacional do Movimento.

Conforme pergunta acima, como após as eleições apoiar os militantes eleitos e outros comprometidos com a causa dos trabalhadores e manter sua fidelidade a Jesus Cristo e à classe operária?

Dentro em breve sairá o "5º Caderno de História da Classe Operária" com o título "Resistindo à Ditadura". Será um momento favorável para esta avaliação e reorientação. As demais publicações, particularmente o ASSUMIR devem ser fermento forte para todo militante e simpatizante.

Adquira e leia os livros da ACO e incentive outros a habituar-se à reflexão e ao aprofundamento da sua ação através dos mesmos.

SABER RESPEITAR AS ETAPAS

Sônia e Joaquim Miranda. Osasco

"... vesti-me e fui até a beira do mar. Andava depressa como se estivesse escapando de um perigo ou pecado. Meu desejo indiscreto da manhã de espionar e capturar o futuro antes que nascesse, apareceu como um sacrilégio.

Lembrei-me de uma manhã em que encontrei um casulo preso à casca de uma árvore, no momento em que a borboleta rompia o invólucro e se preparava para sair. Esperei algum tempo, mas estava com pressa e ele demorava muito. Enervado, debrucei-me e comecei a esquentá-lo com meu sopro. Eu o esquentava impaciente e o milagre começou a desfiar diante de mim em ritmo mais rápido que o natural. Abriu-se o invólucro e a borboleta saiu arrastando-se. Não esquecerei jamais o horror que tive então. 'Suas asas ainda não haviam formado' e com todo seu pequeno corpo trêmulo ela se esforçava para desdobrá-las. Um paciente amadurecimento era necessário. E o crescimento das asas se devia fazer lentamente ao sol. 'Agora era muito tarde'. Meu sopro havia obrigado a borboleta a se mostrar, toda enrugada antes do tempo. Ela se agitou, desesperada e alguns segundos depois morreu na palma da minha mão.

Ah! Se essa borboleta pudesse esvoaçar sempre diante de mim e mostrar o caminho."

Nikos Kozantzakis

Cada um de nós tem sua história no momento do despertar para a militância, para um engajamento. São histórias diferentes que a consciência de classe acaba levando para o ponto comum, na maneira de ver, no julgar e depois na ação.

O meu despertar foi demorado. Na juventude, meu horizonte era por demais limitado. Como Filha-de-Maria, Presidente da Pia União, meu engajamento era só rezar, cantar no côro da igreja, trabalhar na quermesse numa programação que era igual todos os anos. Veio o casamento. Tudo certinho conforme o costume, com tudo o que tinha direito. O noivo ideal, congregado mariano, rapaz perfeito, trabalhador, enfim, muito ajuizado. Eu, a noiva, também era tudo isso e um pouco mais. No momento solene do casamento, o Pe. Raphael proclamou: — Joaquim, você está levando uma pérola para casa. Fiquei toda sem jeito.

Algum tempo depois, o Joaquim chegou em casa dizendo que ia fazer uma assinatura de jornal, pois

dentro de um ano eu teria de estar atualizada com o mundo. Eu que me considerava bem instruída, levei até um susto diante dessas palavras. Pensei até que ele brincasse. Na minha cabeça pensava que, sendo ele um líder sindical, em dia com o mundo (que pretensão!), era o suficiente, pois não era ele o homem do lar? Quanto a mim não seria necessário esse aprendizado, pois a minha parte eu dava conta, cuidando da casa, estar pronta para acompanhá-lo às reuniões no sindicato. Porém não foi um trabalho difícil, mesmo porque eu gostava muito de ler. Lia tudo. Só que não tinha qualquer espírito crítico, sem distinguir contradições, não comparava os textos. Em decorrência da militância sindical do Joaquim, nossa casa ia sendo cada vez mais frequentada por companheiros que falavam de política, de pelego, patrão, injustiça, golpes, arrocho salarial, do FGTS. Falavam também de Marx, Lênin, Trotski, imperialismo, ditadura militar ... Eu prestava muita atenção nas conversas, à distância, enquanto cuidava da vida doméstica, preparando cafezinho mas não arriscava uma palavra. Era tudo muito confuso. De vez em quando o Joaquim me sabatinava. Muito sutilmente, mas eu percebia e ficava doida de raiva, porque ele ironizava ante a minha confusão.

Final de 66 começamos a participar da equipe de ACO, com João Cândido (irmão do Jorge) e Albertina. Pierre Vautier era nosso assistente. Foi quando confundiu de vez a minha cabeça. Comecei a questionar o que para mim era uma inversão de valores, com relação ao comportamento da Igreja tradicionalista. Tudo ao contrário do que eu havia aprendido, principalmente com relação à caridade cristã. Fiquei perplexa com a primeira RV em que participei na equipe. ACO era isso? Remexer na intimidade das pessoas? Não entendia a prática democrática das reuniões, então eu falava bem pouco.

Perguntava humildemente ao Joaquim as questões que não tinha entendido, submetia-me ao aprendizado e procurava no exemplo prático de outros ir me libertando do casulo. Daí até libertar as asas foi um longo percurso. Li a Bíblia, devagar, assimilando cada situação. A comunidade dos padres operários de Vila Yolanda, celebravam com participação do povo, onde todos podiam se expressar. Isso seria o efeito do calor do vento para o amadurecimento da borboleta que deixou o casulo para outro aprendizado.

O Joaquim de hoje é ansioso e apressado. Creio que ficaria assoprando o casulo, como se o amanhã não o interessasse mais. Naquela época, todos respeitaram minhas etapas e com elas colaboraram. Hoje tenho muito que aprender, pois na ACO considero-me ainda principiante. É certo que o que aprendi desejo ir passando aos outros.

Continuo aprendendo em cada encontro de ACO. Mesmo no primeiro Conselho Nacional desta gestão aprendi coisas novas.

Descobri, com o decorrer do tempo que um ano é prazo muito curto para se ficar em dia com o

mundo, mas já é um esforço.

A viabilização das propostas do 8º Congresso Nacional, para a ACO atingir o objetivo principal, que é REAFIRMAR A MISSÃO DA ACO TENDO EM VISTAS A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE, vai depender de mil fatores e um deles, no desafio da expansão, os militantes mais experientes não podem ficar soprando o vento quente para abreviar o desabrochar da borboleta, para não correr o risco de privar a todos, da cena do primeiro vôo da linda borboleta.

METAS PARA OS PRÓXIMOS 4 ANOS

Sônia Miranda

Após avaliar o desempenho das bases no cumprimento das metas traçadas no 7º CONGRESSO, as mesmas equipes, nas suas regiões, enviaram com seus representantes no 8º CONGRESSO, o Plano a ser cumprido nos próximos quatro anos, ratificado pelo primeiro Conselho Nacional reunido em julho. São os seguintes os principais passos que temos de dar no decorrer de tal período.

1) FORMAÇÃO

Foi o item mais relevante do Congresso, pois há uma enorme preocupação em todas as Regiões com re

ferência à formação. "Formação na ação garante que o militante seja sujeito, agente do próprio movimento" A formação implica saber rever a ação, criticar e autocriticar-se no sentido de fazer crescer na consciência do engajamento. Para se trabalhar a formação dos militantes, este Conselho reunido apresenta a resolução do Congresso.

Para operacionalizar essa tão necessitada formação, a cada ano haverá um Seminário Nacional Centralizado e um Seminário Descentralizado. Para os Seminários Centralizados, que geralmente acontecem na Semana Santa, obedeceriam o seguinte calendário:

1991 - MOVIMENTOS POPULARES – Perspectivas
1992 - SOCIALISMO EUROPEU e ACO
1993 - MOVIMENTO SINDICAL e TENDÊNCIAS

Essa formação terá espaço maior num esforço mais concentrado, nos Seminários Descentralizados, ou seja, Seminários que ocorrerão nas Regiões. Entende-se que será então o momento de se trabalhar o tema mais específico, o tema-objeto do 8º CONGRESSO, que é sobre a Missão Específica da ACO.

Seminários Descentralizados

1991 - IGREJA, ESPIRITUALIDADE – Questões Bíblicas e Ministérios
1992 - TEMA A CRITÉRIO DA REGIÃO
1993 - TEMA A CRITÉRIO DA REGIÃO

Caso as Regiões tenham razões relevantes e que determinada situação seja predominante requerendo uma reflexão peculiar, em certo momento, o tema deve ser compatível com aquela necessidade. Caso contrário, os temas a serem abordados, devem ser os apresentados pelas Regiões no 8º CONGRESSO, dentro do item FORMAÇÃO, EXPANSÃO e outros campos, a fim de que evitem se as contradições. Como sugestão acatada, em todos os Seminários deveria haver um espaço para a prática de RVO. A prática da RVO foi um ponto levantado por maioria das equipes e apareceu em todos os momentos do 8º CONGRESSO. É importante a busca e o aprimoramento da RVO.

2) EXPANSÃO

O Congresso aprovou 8 propostas para encaminhar-se a Expansão. São elas:

1) Acompanhamento sistemático aos militantes novos;

2) Prepará-los para a função específica de fazer a expansão;

3) Praticar a troca de experiências entre as equipes;

4) Acompanhar o funcionamento das equipes: Fazem RVO? Reuniões periódicas? Estudos? Isto é tarefa das Coordenações Regionais;

5) Mapear os engajamentos dos militantes;

6) Buscar ex-militantes da ACO, da JOC, dos Partidos, dos Movimentos Populares, afastados por decep-

ção. Que a ACO se coloque como alternativa;

7) Estudo profundo, sociológico, para fundamentar a expansão. *Pontos:* Religiosidade, participação e interpretação do movimento popular, sindical e político, relação leigo-sacerdote, e outros aspectos sociológicos da Classe Trabalhadora. *Instrumentos:* pesquisas, seminários, assessorias;

8) Os suplentes da CCN e CN assumam um trabalho sistemático de expansão.

DESAFIO:

No final dos próximos 4 anos, cada equipe ter garantido a formação de, pelo menos, mais uma equipe.

O ponto 7 da Expansão, foi encaminhado pelo Conselho de julho/90 à CCN, para buscar junto a órgãos de pesquisa a viabilização dessa necessidade.

Quanto ao desafio, é de que findos estes quatro anos, a ACO tenha o dobro das equipes. Assim, este Conselho deliberou a estruturação de uma Comissão de Expansão que já foi esboçada na primeira reunião da CCN. Ela funcionaria como uma equipe centralizada com sucursais descentralizadas.

3) PUBLICAÇÕES

Embora nossas publicações sejam de boa qualidade, nos aspectos formação/informação, elas são mais usadas e divulgadas por outras entidades. No 8º CONGRESSO, surgiram as seguintes propostas, para implementação das publicações:

- Sistematizar o estímulo à leitura;
- Usar meios eficazes de divulgação (cartazes, adesivos, etc.);
- Publicar no ASSUMIR os temas que atendam ao plano dos 4 anos e a aspectos marcantes da vida nacional e internacional (no campo da Igreja, ACO, MMTC, Sindical, Movimentos Populares, Socialismo e Capitalismo), e ainda alguma coisa sobre as equipes;
- Os militantes precisam divulgar as publicações.

O CN deliberou também que se forme uma Comissão com uma equipe fixa (centralizada) e sucursais em cada Região. Tal estrutura deverá fazer a Comissão de Publicações funcionar com mais rapidez e com menos despesas.

4) FINANÇAS

No que toca às finanças a situação é bastante crítica. Há um número grande de militantes desempregados. Equipes que deixaram de existir, que não cotizam mais. As propostas aprovadas para os quatro próximos anos foram as seguintes:

1) Garantir a mística da cotização;

2) Reafirmar artigos do Estatuto e RI, sobre finanças;

3) Buscar alternativas de autofinanciamento;

4) Garantir formulação e acompanhamento de projetos financeiros (equipe de projetos),

5) Computar as despesas que o militante tem com o Movimento (sistematizar);

6) Encontro nacional de tesoureiros para estudo específico das finanças e financiamento.

5) IGREJA, ACO e OUTROS MOVIMENTOS

Avaliando-se este quadro, tivemos dificuldades, mas colhemos alguns avanços. As dificuldades estão mais na nossa participação nos organismos da Igreja. Há exceções de algumas equipes que se integram na vida da paróquia. Como avanços, registramos um relacionamento razoável com a CNBB. Temos representantes no CNL. Mantemos bom relacionamento com JOC, PO, CIMI, MAC e ACR.

As metas dos próximos quatro anos são:

- A busca de maior entrosamento com outros Movimentos de Igreja e pastorais;
- A conquista do espaço na estrutura da Igreja e seus organismos, sem perder a identidade e autonomia da ACO.

6) DESEMPREGO

Neste campo a ACO enquanto entidade, pouquíssimo ou nada mesmo pode fazer. Trata-se de um problema conjuntural com abrangência internacional. O que podemos fazer enquanto ACO, está contido nas propostas do Congresso.

PROPOSTAS:

1) Estudar a problemática da automação, trabalho temporário, subemprego e organização dos desempregados;

2) Contribuir na organização dos desempregados; usar RVO junto com acompanhamento às pessoas envolvidas na problemática da letra *a*;

3) Promover, acompanhar e/ou integrar grupos de produção comunitária (manual ou industrial), não só como alternativa ao fim do desemprego, mas também como iniciativa socialista;

4) Estudar a questão do desemprego na perspectiva do Socialismo (ênfase à necessidade constante que o capital tem de reorganizar-se para explorar sempre mais os trabalhadores).

RECOMENDAÇÕES:

A ACO precisa apoiar sempre a ação sindical e manter as bases informadas.

7) LIBERADOS

O movimento tem de se preocupar com a formação de seus quadros e cuidar disso com um carinho especial. As propostas levadas ao Congresso e por este aprovadas ou ratificadas pelo CN são de que haja uma política de formação dos diri-

gentes do movimento, portanto não aplicáveis só aos liberados. Estes, por uma condição especial, seriam encaminhados, logo após sua eleição, a uma formação específica.

O Liberado é o elemento que deve estar apto a desenvolver uma análise da conjuntura, com visões mínimas da conjuntura internacional. Deve conhecer as características das Regiões antes de visitá-las.

Foi levantada no Congresso uma proposta de que os Liberados seriam agentes na ajuda para um mapeamento dos militantes, procurando cadastrar mostrando quantos somos, quem somos, onde estamos, o que fazemos e o que representamos.

Há propostas ainda sobre a mudança regimental, sobre a maneira de atuar do Liberado, dentro de cada Região. Estas propostas já estão nas bases para emendas que serão discutidas e submetidas à aprovação em Congresso.

8) ASSISTENTES

1) A ACO procura trabalhar com religiosos que moram nas comunidades operárias e populares, como também com seminaristas sensíveis aos problemas dos trabalhadores;

2) A ACO procurará também intensificar contatos com a hierarquia da Igreja, na busca da aceitação e apoio ao Movimento.

9) PROBLEMÁTICA DA CONDIÇÃO FEMININA

1) Priorizar a questão da mulher
- nas atividades da ACO
- nos engajamentos e atitudes de vida;

2) Contribuir no trabalho dos grupos de mulheres;

3) Fazer deste tema e dessa luta uma constante nos próximos 4 anos.

SEIS MESES DEPOIS

Luiz Sérgio da Mota Machado

A AÇÃO DO GOVERNO

Ultrapassados os primeiros 180 dias de governo Collor, a sociedade brasileira já pôde ver com clareza os eixos invariáveis sobre os quais o plano por ele posto em execução se afirma e a forma como é executado.

Os principais eixos de sustentação do Plano Brasil Novo, ou Plano Collor, elaborado para eliminar a inflação, são os do arrocho salarial e o das demissões. Ou seja, os salários fo-

ram tidos como os grandes vilões da economia, e a classe trabalhadora teve que amargar perdas salariais elevadas, além de demissões nos setores público e privado.

Perda do poder aquisitivo e desemprego em massa dos trabalhdores (1 milhão em julho) possibilitaram a queda da inflação de 84,32% no mês de março para 9,55% em junho, mas não a sua eliminação como fora prometida em campanha pelo então candidato Collor. Nem mesmo está sendo possível impedí-la de alcançar os dois dígitos, como comprovam os índices superiores a 10% nos últimos meses.

Além disso, em relação à forma de combate a inflação pôde-se verificar como o atual Presidente enganou a população ao afirmar em campanha que o combate a inflação se daria por "um processo de crescimento econômico auto-sustentado, associado à volta da credibilidade popular". Na verdade o que se vê 6 meses depois de ter sido posto em prática o Plano Collor, é decréscimo da produção industrial e a perda de apoio popular do Presidente, que caiu de 71% (antes da posse) para 34% seis meses depois da posse (números da Data Folha).

Durante todo esse período o governo tem procurado restringir ao máximo os direitos e alternativas constitucionais dos trabalhadores. De saída prefixou em zero os reajustes dos salários de abril. Logo do anúncio do Plano congelou os recursos do FGTS, para sete dias depois os liberar aos trabalhadores demitidos até 15 de março e em seguida estender a liberação a todos os trabalhadores. Mas em 3 de maio tornou a bloqueá-los. No dia 9 de maio o bloqueio foi revogado.

Dando seqüência a investidas contra os interesses dos trabalhadores e a favor dos interesses dos capitalistas, o governo vetou uma aprovação do Congresso de reajuste bimestral de 6,09% do salário mínimo. Posteriormente o próprio governo revogou o veto em 14 de abril, publicando no Diário Oficial de 17 de abril.

No dia 11 de maio o governo decretou a redução dos salários dos servidores públicos em disponibilidade, publicando o decreto no Diário Oficial de 14 de maio. Dada a flagrante inconstitucionalidade do decreto ele foi revogado. Tendo sido obrigado a fazer tal revogação, o governo não se emendou, e novamente atacou com outro decreto, o 99.300 de 15 de junho, que determinava que

os salários pagos aos servidores colocados em disponibilidade fosse proporcional ao tempo de serviço. O STF concedeu liminar suspendendo a vigência do decreto.

Em sua sanha contra os trabalhadores o governo editou a medida provisória 185, que permitia ao Tribunal Superior do Trabalho (TST) suspender dissídios coletivos julgados pelos TRTs. A Câmara dos Deputados rejeitou a medida no dia 31 de maio. Não satisfeito o governo a reeditou sob um novo número, o de 190. O Procurador-Geral da República questionou a constitucionalidade da reedição e o STF concedeu liminar suspendendo a vigência da Medida Provisória 190.

Mas não pararam aí as ações do governo nessa direção. Com a Medida Provisória 211 de 24 de agosto, ele apresentou uma obra prima em transparência em favor dos capitalistas. Nela é permitido às empresas alegar dificuldades financeiras ou motivo de força maior para não pagar reposição salarial. Teve que revogá-la.

Finalmente, Collor eliminou a fixação de pelo menos 1 salário mínimo para aposentados e pensionistas.

A RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES

A tática de intimidação dos trabalhadores através do desemprego não tem surtido o efeito esperado pelo governo. Como ficou demonstrado estatisticamente, as greves aumentaram 15,9% no 1º semestre deste ano de 90 em relação ao ano de 89. Sessenta e cinco por cento dessas greves ocorreram após o Plano Collor. Os trabalhadores estão conscientes de que as demissões fazem parte do Plano do governo e que só através da resistência em forma de greves podem deixar claro o seu repúdio a avalanche de arbitrariedades de que são vítimas.

Mas, a atual dinâmica do movimento sindical incomoda bastante o governo, que previa um ritmo menor de mobilização diante do quadro conjuntural de agravamento do desemprego e recessão. Face a isso ele volta a insistir na proposta de pacto social, denominando-a de "entendimento nacional". Volta a insistir na importância da presença da CUT nesse "entendimento", visando assim legitimar perante os trabalhadores o que resultar das negociações desse forum. Desde já deixa claro que a colaboração de classes é o objetivo almejado, o que significa dizer que aos trabalhadores cabe assumir uma atitude conformista e resignada em favor do Plano e do fortalecimento, mais ainda, da burguesia, para que se chegue a dias melhores.

Para quem? A idéia é a troca da dignidade do movimento por uma estabilidade parcial e submissa.

Certamente a Central Única dos Trabalhadores não cairá nessa armadilha e a classe trabalhadora evoluirá da fase de resistência para a fase de conquistas efetivas através de maior mobilização e organização.

ACO Informa

SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

Dalila R. da Silva

Salvador na paróquia de Edson Passos, lá se vão 7 anos!

Na Chatuba, lembro bem, quando ele chegou, por exemplo, eu nunca tinha pego no microfone para falar na comunidade. Mas ele perguntou: — Alguém desta comunidade pode colocar alguma coisa sobre ela?

Eu tremi para fazer esta colocação, mas devido a sua insistência consegui. E o resultado é este, estou aqui hoje e já sou até ministra de batismo e militante da ACO. Esse é um dos exemplos. Tantas outras pessoas cresceram com a ajuda do Padre Salvador.

Sua vida aqui foi visitar as famílias do bairro sem distinção. Até mesmo pessoas de outras religiões receberam sua visita e sua amizade. Essas pessoas sentem a falta e perguntam por ele.

Ele fez de tudo para ser como um de nós. Roubado então nem se fala, foi só 3 vezes. Até adoeceu, não tenho certeza, mas parece que foi de se doar tanto e esquecer de si mesmo.

Sinceramente já é mais que brasileiro.

Esteve sempre nos ajudando nas decisões, e as vezes reclamava bravo

conosco por pegarmos tantos com promissos. Que me desculpe o Salva dor, mas parte dessa culpa foi dele mesmo. Tanto nos incentivou a assu mir a caminhada que as vezes não sa bemos dosar e ficamos sobrecarre gados.

Como Cristo, andou pelas ruas do bairro e por que não dizer de No va Iguaçu, fazendo visitas ao povo sofrido e trabalhador, celebrando junto com ele as alegrias e tristezas.

Os casamentos, os noivos que riam que fossem celebrados pelo Sal vador. Bodas de Prata ou Ouro, sem pre a mesma coisa, Salvador.

Sabia ouvir as pessoas, dava atenção a todos sem distinção.

Pessoa humilde, partilha tudo o que tem

Participando como assistente da ACO em Tinguá e até em Mangueira, ele sempre celebrou a vida do povo sofrido. Se compromete para que a vida dos trabalhadores esteja um pouco conforme o projeto de Deus. Como Cristo, ele ama muito esse povo.

No aniversário dele fomos nós que merecemos os parabéns, por ter mos tido a felicidade de tê-lo co nosco.

Ficamos esperando sua volta em breve e obrigado por todo o povo de Nova Iguaçu.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE PE. SALVADOR

Equipe do B. da Luz

FAMÍLIA

Nós achamos que nestes 10 anos de convivência e trabalho com a gente aqui na Baixada, Salvador se tornou, antes de tudo, um membro da nossa família. Nós sentíamos que até nossos filhos o viam não como apenas o Padre, mas como um amigo, conselheiro que transmitia confiança, isso tanto para eles como para nós, os pais. A gente sentia falta quando ele custava a aparecer em nossa casa.

Ele ajudou até como um mila gre, uma militante a realizar um so nho que seria impossível a qualquer um de nós, operários brasileiros. Isso porque ele é de uma sensibilidade que não é comum na maioria das pessoas.

BAIRRO

Ele sempre esteve presente nas lutas pela moradia, nas reflexões so-

bre os problemas das associações de moradores, e até na ajuda financeira para que as associações adquirissem sua sede própria.

A questão da ajuda financeira também se deu na ajuda a algumas famílias para que elas conseguissem construir suas casas.

EQUIPE

Embora o tempo dele fosse pouco e tivesse muito trabalho, ele quando podia vinha na equipe e nos ajudava muito, porque quando estava presente sempre aprofundava mais os assuntos da reunião. E quando a RVO não estava presente na pauta da reunião ele perguntava: — e a revisão de vida? Isso é o mais importante. Vocês têm tantos assuntos, mas têm que deixar espaço para a RVO.

Era assim. Nos questionava quando era preciso e isso nos ajudava a colocar os pés no chão.

Tínhamos divergências às vezes sobre pontos de vista, da maneira de trabalhar, mas nos sentíamos à vontade para falar o que pensávamos, porque nos sentíamos iguais, realmente irmãos.

Muito obrigada Salvador. Nós todos crescemos muito nestes 10 anos com a tua ajuda e a Baixada também.

PASSAGEM DO PE. SALVADOR EM NOVA IGUAÇU

Equipe de Vila Eliza

Que mensagem ele nos deixou?

Na sua chegada ao Brasil, ele foi acolhido por alguns militantes da equipe de S.V., onde logo nas suas primeiras visitas sentimos que o seu compromisso com a organização dos trabalhadores era muito forte, como também na 1ª Missa que celebrou em S.V. nos chamou atenção quando chegou o momento da consagração das hóstias. Ele dividiu as palavras e consagrou junto com a comunidade.

Ele transmitiu pra gente um espírito de luta valorizando e respeitando os dons de cada um. Isso para nós foi muito importante. Passamos a entender e valorizar melhor os dons dos outros.

Uma coisa interessante que achamos no Pe. Salvador é que esse apoio, essa força, esse incentivo de luta era como se fosse invisível. Ele dizia duas ou três palavras e deixava que a gente refletisse de cabeça fria.

Ele sempre procurou manter um companheirismo muito forte com a gente nos momentos alegres e tristes. Nos momentos de luta e nas manifestações a sua solidariedade com a classe operária é muito grande, como também nas horas que precisava ser duro ele se mantinha firme e questionava bastante. E essa experiência foi muito rica, porque fazia a gente ter melhor desdobramento nas lutas, com maior fidelidade a Jesus Cristo e à classe operária.

Nas associações de moradores recebemos muito apoio com sua dedicação e seu carinho de incentivo. Nós da equipe de Vila Eliza somos fruto de um trabalho do Pe. Salvador e agradecemos profundamente a Deus pela opção do Salvador de vir fazer esse trabalho em Nova Iguaçu. Pra gente ele foi, é e será como a parábola do semeador.

OUTRAS NOTÍCIAS DA ACO

No dia 10/07/90 estiveram com Dom Adriano Hipólito, três representantes da ACO, Dalila, Geralda e Assunção.

Foram pedir a Dom Adriano para liberar o Pe. Ivo como Assistente Diocesano da ACO, o qual concordou plenamente. Nossos agradecimentos a ambos.

Equipe de Cidade — N.I.

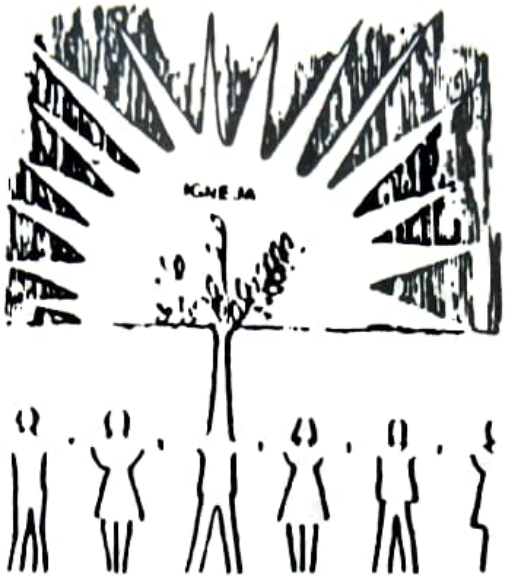
●●●●●Θ●●●●●

Companheiros Conselheiros e Coordenadores nacionais que estiveram reunidos nos dias 27, 28 e 29 de julho no Rio, representando os nossos grupos de base e regionais, quero agradecer a confiabilidade que depositaram em mim, me elegendo para Conversações no Chile.

Vai ser mais uma experiência que vou ganhar para poder compartilhar com meus irmãos e companheiros que estão engajados nos movimentos que visam a transformação desta sociedade para uma igualitária.

Vamos compartilhar o sofrimento do povo latino-americano, e ao mesmo tempo somar nossas experiências para saírmos da trama do capitalismo selvagem.

João Pinto — Abaetetuba — PA



NOTÍCIAS DA IGREJA

PRONUNCIAMENTO DO CONSELHO PERMANENTE DA CNBB (de 28 à 31/08/90)

1) O Conselho Permanente da CNBB, reunido em Brasília, de 28 à 31 de agosto, diante da complexa conjuntura nacional, decorrente também de situações passadas, julga-se no dever de falar sobre algumas questões urgentes e importantes, baseando-se nas exigências éticas formuladas na 27ª Assembléia Geral da CNBB: "A existência de milhões de empobrecidos é a negação radical da ordem democrática. A situação em que vivem os pobres é critério para medir a bondade, a justiça, a moralidade, enfim, a efetivação da ordem democrática. Os pobres são os juízes da vida democrática de uma nação" (Exigências Éticas da Ordem Democrática nº 72). Nossa evangélica opção pelos pobres nos impele a expressar nossas angústias e nossas esperanças, no segmento de Jesus Cristo.

ORDEM SÓCIO-ECONÔMICA

2) É louvável o esforço realizado de combate à inflação ressaltando-se a busca do equilíbrio orçamentário. Não é eticamente aceitável, porém, que o peso maior caia justamente sobre aqueles a quem a inflação mais prejudicou.

3) São inaceitáveis os parcos salários pagos à maioria dos trabalhadores brasileiros, e mais inaceitável

ainda é uma política econômica recessiva que provoque um maior achatamento salarial e o desemprego maciço. Também é inaceitável ao espírito cristão do nosso povo o projeto de se liberar o comércio aos domingos.

4) Não há possibilidade de uma verdadeira democracia enquanto não se realizar uma política agrícola que garanta a permanência do pequeno agricultor no campo, bem como a execução de uma reforma agrária justa e eficaz sem esquecer a adequada distribuição do solo urbano.

5) É também indispensável que se assegure a demarcação das terras indígenas e se ponha fim ao genocídio do povo Yanomami.

6) Preocupa a queda da qualidade de vida do povo que se manifesta especialmente na fome e nas péssimas condições de saúde.

7) É dramática a condição em que vive o povo nordestino em virtude do sistema político-econômico mais do que pelas condições climáticas.

8) Essas e outras marcas negativas de nossa sociedade geram um ambiente generalizado de insegurança que é fomentado ainda pela violência nos meios de comunicação social e pela lentidão da justiça e, em vários casos, pela parcialidade da mesma.

ORDEM SÓCIO-POLÍTICA

9) Apesar das falhas do nosso Poder Legislativo, especialmente sua omissão em elaborar as Leis Complementares, não é admissível que se atropele a ordem constitucional da autonomia dos Poderes do Estado mediante o uso abusivo de medidas provisórias. Elas devem ser exceção e não meios ordinários de governar.

10) Lamentamos o pouco espaço deixado à participação do Congresso, partidos políticos, sindicatos, associações de bairro e demais organizações da sociedade civil. É preciso um amplo entendimento político para fazer face à grave crise do país. Resolver essa crise é tarefa de toda a sociedade e não apenas do Governo. Dispensar essa participação seria um desserviço à Nação.

11) Preocupamo-nos nesta campanha eleitoral com a fraqueza dos partidos políticos, a escassez de propostas sérias, a repetição de velhos vícios e chavões eleitorais, o descrédito dos candidatos e o desinteresse pelas eleições, que são um momento importante no processo de consolidação da democracia dado o papel que os novos eleitos terão na elaboração de leis complementares e na revisão constitucional.

ORDEM SÓCIO-CULTURAL

12) No limiar do lançamento de um Programa Nacional de Alfabetização, auguramos que alcance, com a colaboração de todos, as metas anunciadas. No entanto, preocupa-nos a situação precária do ensino, colocando em jogo o futuro do país já que a educação é fator decisivo para o seu desenvolvimento.

13) Numa verdadeira democracia, onde todos os cidadãos pagam impostos, os pais têm o direito de escolher para seus filhos o tipo de educação que julgam conveniente. As escolas de Ensino Fundamental, também as comunitárias e confessionais, devem ser mantidas pelo poder público, para que possam ser totalmente gratuitas. Deve também ser assegurado, para todos os que quiserem, o ensino religioso confessional nas escolas estatais.

14) Não podemos deixar de questionar a consciência dos cidadãos para a lamentável permissividade moral difundida sem escrúpulos pelos meios de comunicação social que vai destruindo a família e atentando contra a dignidade da pessoa humana.

CONCLUSÃO

15) Apesar de todas estas dificuldades, reafirmamos nossa esperança no futuro do país. O Brasil tem condições para superar a crise atual. Confiamos na reação sadia do povo, participando nas organizações populares. Temos agora, nas eleições de outubro, graças a um voto livre e consciente, a possibilidade de reforçar a democratização das instituições. Só com a corresponsabilidade de todos os segmentos da sociedade e fundamentados em princípios éticos, nas normas da nossa Constituição, poderemos amadurecer um projeto para o nosso país onde a vida não seja privilégio de poucos.

16) Invocando, por intercessão da Virgem Aparecida, a bênção de Deus, sem a qual "em vão trabalham os que constroem a casa" (Salmo 126,1), apostamos na solidariedade, na justiça e na paz para podermos celebrar com alegria e esperança o dia da pátria, despertando novas energias para toda a sociedade. Convocamos nossas comunidades e todos os fiéis católicos a intensificarem as preces por nosso país.

NOTÍCIAS SINDICAIS

AS GREVES DA MAUÁ E DA VOTORANTIM NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

No dia 06/07/90 (sexta-feira), por volta de 21:30h, mais de 400 companheiros (mecânicos, eletricistas, ensacadores, administrativos, etc.) deliberaram a greve nas duas fábricas cimenteiras, pelo atendimento de suas reivindicações (reposição dos 166.89%) e melhorias das condições de trabalho. O movimento grevista iniciou às 6:00h da manhã do dia 09/07/90 (segunda-feira).

A decisão da Assembléia encerrou um longo período de espera de boa vontade dos patrões que, desde 19 de fevereiro de 1990 quando foram convidados pela primeira vez pelo Sindicato, recusaram-se à negociação, apesar de terem assinado cláusula no acordo coletivo comprometendo-se a negociar com o Sindicato, e a desenvolver todos os esforços a fim de evitar demandas judiciais e movimentos de paralizações (greve).

FIRMEZA DOS TRABALHADORES E DO SINDICATO

A Diretoria do Sindicato fez o seu papel: alertou os companheiros para os riscos de demissão e sobre a oportunidade do movimento (estoques, pagamento de salário, questão jurídica, etc.), mas a firmeza (decisão unânime da Assembléia e a adesão total foram suficientes para que o Sindicato encaminhasse a luta (Assembléias, piquetes, divulgação do movimento nos níveis nacional e in

ternacional, pedido de apoio e solidariedade e fundo de greve), e as negociações. O Sindicato demonstrou todo o tempo a disposição para o diálogo.

Logo no domingo, o Sindicato encaminhou ofício às empresas solicitando a relação de pessoal para manutenção de equipamentos e serviços inadiáveis.

A Votorantim recusou-se a receber o ofício, mas no primeiro dia de greve recuou, negociando com o Sindicato a entrada de 01 eletricista e outros.

AS EMPRESAS JOGARAM PESADO

Após a decretação da greve, na sexta-feira à noite, a Mauá acionou o seu esquema anti-greve, mandando buscar em casa vários companheiros para garantir o funcionamento parcial do ensacamento. Apostando na desmobilização do movimento, a empresa manteve esses companheiros em regime de verdadeiro "cativeiro", somente passando a liberá-los após a pressão social motivada pelas denúncias do Sindicato. O fato foi constatado pela fiscalização do Ministério do Trabalho.

Apesar do forte esquema policial (inclusive tropas de choque), os companheiros dos piquetes não se deixaram intimidar, e o aliciamento (pacífico) funcionou sem incidentes. As empresas jogaram duro, inviabilizando qualquer proposta de negociação madura e responsável, evidenciando uma grande incompetência para estabelecer novas relações trabalhistas.

Já no segundo dia do movimento, as empresas ajuizaram dissídio coletivo junto ao tribunal regional do trabalho sob o argumento de que a greve era abusiva. Pasmem! Alegando que não foram notificadas dentro das 48h antecedentes.

Antes da Greve, teve o Estado de Greve do qual as empresas foram devidamente notificadas. A Votorantim recusou a receber a notificação, mas recebeu via AR dos Correios.

Como se não bastasse tudo isso, o Sindicato fez ampla divulgação do movimento, de modo que, já no sábado, era do conhecimento das comunidades cantagalenses e cordeirenses que na segunda-feira, dia 09/07, as empresas Mauá e Votorantim entrariam em greve.

E o que fizeram as empresas Mauá e Votorantim? Simplesmente fecharam a porta para uma negociação.

A audiência de conciliação realizada no Tribunal foi encerrada sem que a Juíza Presidente pudesse fazer uma proposta de conciliação, ante a intransigência patronal.

O JULGAMENTO DA GREVE

Hoje, o direito de greve é reconhecido na Constituição Federal, mas o patronato (as elites) e seus aliados insistem em continuar tratan-

do o direito de greve como se fosse um "caso de polícia" A decisão de segunda-feira não é definitiva; o advogado da federação vai recorrer; no entanto, as empresas já cantaram vitória. O julgamento se deu por 3x2.

A questão ainda está em juízo (recurso do Sindicato), mas não podemos deixar de registrar o nosso inconformismo pois, se houve algum abuso nesta greve foi praticado pelas empresas Mauá e Votorantim que agiram de forma intransigente, demonstrando total insensibilidade às nossas reivindicações.

A SUSPENSÃO DA GREVE

A greve dos companheiros da Mauá e Votorantim representa um marco importante na luta dos trabalhadores desta região. Primeiro, porque é a primeira greve do setor cimenteiro desde que as indústrias se instalaram por aqui; segundo, porque foi a greve mais longa já registrada pelo movimento sindical da região nos últimos 50 anos; terceiro, porque quebrou a escrita do cartel cimenteiro de ameaças de fechamento das indústrias, etc ...

Outro dado importante é que a Assembléia dos Trabalhdores, reunida em caráter permanente, decidiu sobre os destinos do movimento, inclusive a suspensão da greve.

A luta continua!

É isso aí companheiros! Sindicato é prá lutar!

APOIO AO MOVIMENTO GREVISTA

Várias entidades apoiaram o movimento grevista Mauá-Votorantim: ACO, CPT, Movimento de Consciência Negra, Sindicato de Fiação e Tecelagem, Sindicato dos Comerciários e Sindicato dos Metalúrgicos (Nova Friburgo).

O Partido dos Trabalhadores (PT) da região esteve presente durante o período de greve: Cordeiro, Cantagalo, Itaocara, com a presença do Vereador Paulo Cezar; Friburgo com o Vereador Edil Nunes, candidato a Deputado Estadual; e também do Rio tivemos o apoio de Vlademir Palmeiras, Deputado Federal, e Ernani Coelho, Deputado Estadual.

Tivemos por parte do PDT o apoio de José Carlos Boaretto, Vereador em Cordeiro.

As associações de moradores colaboraram dando alimentos e mantendo cozinha comunitária em Macuco

Vlademir Palmeiras foi ao Rio tentar negociar retirada de policiais em grande número na porta das fábricas e também obter uma maior cobertura da imprensa. Foi recebido por Moreira Franco. Conversaram sobre o assunto e Vlademir voltou no mesmo dia a Cantagalo, informando aos operários sobre a conversa que teve com o Governador, mas Moreira não atendeu ao apelo, como sempre.

SINDICALISMO PATRONAL DE SÃO PAULO

Nos dias 4, 5, 6 de junho de 1990 deveriam ter sido realizadas eleições para Direção do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Têxteis de São Paulo. De fato, eleições houve, só que tendo como concorrente, somente a atual direção (chapa 1) que domina a cúpula sindical da categoria há quase 30 anos. Porque somente a chapa um (1) representativa da situação atrelada ao patronato e ao que há de mais retrógado no setor têxtil, concorreu?

Acostumados a dormir sob garantias de processos de arranjos que o sindicalismo de conchavos goza na atual estrutura sindical brasileira, os atuais "pelegos" que dominam a categoria têxtil de São Paulo se viram pegos de surpresa com o surgimento de uma oposição que se organizou como chapa concorrente nº dois (2) a qual, encabeçada por Libanio Augusto Oliveira Filho, ganhou a confiança da categoria e caminhava a passos certeiros para vencer nas urnas e devolver à categoria têxtil um sindicalismo de luta, revolucionário, sem corrupções e conchavos com o patronato.

Sentindo-se recusados pela categoria, a primeira tentativa defragada pela atual situação, chapa um (1), foi a de mudar os Estatutos atuais do Sindicato. A idéia era a de alterar os Estatutos passando o número de Diretores de 24 para 84, esperando com isto, dificultar os trabalhos da chapa dois (2) num trabalho aliado aos patrões no sentido de impedir, sob ameaças de dispensas, etc., que as lideranças descontentes com a atual situação se aliassem à oposição.

A segunda tentativa para dificultar a união em torno da chapa dois (2) foi a de dificultar as condições exigidas por lei no sentido de poder participar na chapa. Assim é que, no dia 26 de abril a chapa dois (2) foi ao Sindicato para apresentar tais documentações em favor de cada candidato componente da chapa, tendo os atuais Diretores, sob variadas alegações de que havia ilegalidades nas documentações, não aceitado a inscrição da chapa dois (2). Aconteceu que, pressionados por um grande contingente de trabalhadores que apoiam a oposição, os Diretores atuais acharam por bem chamar a polícia contra os integrantes da oposição. Era a "Maracutaia" no sentido de impedir que o setor oposicionista

da categoria pudesse concorrer às eleições.

Lançando mão de variados tipos de pressões como: aliança com os patrões, apelo à polícia, contando com um grande agrupamento de "Jagunços sindicais" cedidos por Rogério Magri e Medeiros, a atual direção do sindicato, chapa um (1) acabou por minar a categoria dos trabalhadores na indústria têxtil de São Paulo no seu intento de recuperar a direção da categoria via sindicato sério e comprometido com a classe trabalhadora no seu âmbito inter-sindical.

Pelas variadas "Maracutaias" empregadas, a atual situação conseguiu impedir o direito de 17 integrantes da chapa dois (2), fato que fez com que chegado o momento da eleição a chapa de oposição não mais existisse em condições legais de participar. Informes surgidos após a eleição dizem que a categoria recusou seus votos aos atuais Diretores e que, assim sendo, não houve "Quorum" capaz de eleger a chapa um (1).

PROGRAMA DE AÇÃO E ALGUMAS DENÚNCIAS DA CHAPA DOIS DE OPOSIÇÃO

O salário de cada Diretor Executivo do Sindicato é de Cr$..... 180.000,00. A chapa dois (2) se propõe a estabelecer os salários dos Diretores igual ao que recebem na fábrica. Várias mulheres são obrigadas a trabalhar à noite, apesar de proibido por lei. Alguns empregadores obrigam as mulheres, ao fazerem a ficha para emprego, a ficarem "seminuas" sob alegação de que faz parte do teste.

Observações:

1) Integrou a chapa de oposição o companheiro Joaquim Gerônimo Claudino, da equipe de ACO do Jardim Stº André – SP.

2) Relato extraído dos boletins e panfletos propagandícios da chapa dois (2) de oposição.

SP, 02/08/90

VOLTA REDONDA E SUAS LUTAS

Zezinho

As lutas de Volta Redonda não são lutas isoladas. Somam-se às lutas gerais de todos trabalhadores do Brasil. São perto de 30 mil metalúrgicos da CSN/FEM e empreiteiras reivindicando entre outras coisas:

- Reposição salarial (187%);
- Pagamento dos atrasados (52%, bonificação de férias);

– Readmissão dos demitidos na luta;

– Fim das cartinhas remuneradas;

– Não a privatização da CSN.

A data-base do acordo é 1º de maio, mas devido a crise da CSN foi dada uma trégua de 60 dias terminada no dia 1º de julho. Neste período não se conseguiu nenhuma conversação com a direção da empresa. Assim a greve teve início dia 11 de julho.

Os passos da greve e organização dos trabalhadores:

1ª Semana (11 a 15 de julho)

– Ocupação da usina, adesão do pessoal administrativo.

2ª Semana (16 a 22)

– Desocupação da usina, passeata nas ruas (20 mil metalúrgicos);

– Recusada a proposta de 17,3% da CSN;

– Assembléia com 20 mil, mesmo com feriado.

3ª Semana (23 a 29)

– A cidade parou em solidariedade aos metalúrgicos;

– Negociações suspensas (vai para Brasília);

– Comissão de técnicos faz vistorias nos equipamentos;

– Mutirão gigante de limpeza no interior da usina;

– Recusada nova proposta de 40% escalonado;

– Fim da greve da FORD;

– Criação do fundo de greve;

– Ato público com 15 mil (lideranças nacionais).

4ª Semana (30/07 a 05/08)

– Aguardando julgamento do dissídio (TST);

– Ato com lideranças nacionais (CUT nacional / D. Waldir / Lula);

– Distribuição de cesta básica;

– Criação de comitês de bairros.

5ª Semana (06/08 a 11/08)

– Julgamento no TST Brasília (vigília na praça com 10 mil);

– Igreja se reúne (assembléia de comunidade);

– Solidariedade nacional aos metalúrgicos;

– Fim da greve (com 1.500 metalúrgicos).

Vale informar ainda:

– Greve das empreiteiras da construção civil;

– Greve dos médicos da Prefeitura;

– Estado de greve do funcionalismo municipal;

– Greve dos professores municipais.

*Durante a greve de Volta Redonda, periodicamente a JOC, a ACO e PO reuniram-se para avaliar os passos do movimento.

Reivindicação:
– Reposição 166%
Conquista:
– Escalonada em média 24%

Reivindicação:
– Estabilidade
Conquista:
– Negada

Reivindicação:
– Produtividade
Conquista:
– Negada

Reivindicação:
– Readmissão, fim das licenças
Conquista:
– Negada

Reivindicação:
– Pagamento dos dias parados
Conquista:
– Negado

Reivindicação:
– Pagamento imediato dos atrasados
Conquista:
– Será pago entre 5 a 12 meses

Reivindicação:
– Não punição dos grevistas
Conquista:
– Negada

Reivindicação:
– Benefícios para empreiteiros
Conquista:
– Negado

*A direção do Sindicato justificou assim a proposta de fim da greve:

– Suspensão estratégica;

– Conquista de consciência (greve sem piquete);

– O grito do trabalhador.

Houve muito choro por parte da base do movimento.

ANGÚSTIAS E ALEGRIAS DOS LIBERADOS

Geraldo

Meus amigos e companheiros de trabalho, estou escrevendo alguns fatos de nosso trabalho para o ASSUMIR, número 27. Vou tentar escrever sobre dados de nossa última avaliação. Cito para reflexão a leitura de João, cap. 14 a 15 sobre a videira.

A leitura diz: Eu sou a videira e vós os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, dará muito fruto: porque sem mim nada podeis fazer. Quando nós deixamos a nossa família o que acontece? Acontece que na verdade nós ampliamos a nossa família. A leitura fala que devemos nos unir para sermos fortes e produzirmos muitos frutos e fala também dos galhos que são a nossa família e os nossos filhos. Se nós permanecemos na luta mostrando a eles que estamos na luta e com muita fé, podemos produzir bons frutos.

Na reunião dos Liberados, avaliamos as nossas dificuldades que são oriundas das programações intensas em algumas regiões; a família que reclama da nossa ausência; o filho que não atende bem a mãe. Em relação ao Liberado podemos falar da nossa angústia muitas vezes pela dificuldade de comunicação com nossas famílias. Há locais onde não há correio perto para mandar cartas. Há também a nossa constante mudança nas regiões. As viagens são cansativas. Há dificuldades econômicas. As reuniões que muitas vezes são prolongadas. O somatório destes fatos inibe o nosso raciocínio para nossa ajuda à equipe e até às pessoas.

Por outro lado, vejo que tudo isto é válido; o esforço que fazemos pelo Movimento e a fé que temos na Classe Operária e em Jesus Cristo faz com que a gente supere todas as barreiras.

Quando vemos uma equipe surgir no lugar onde visitamos nos dá uma imensa alegria. Guaraciaba 2 (SP) é um exemplo. Em Juiz de Fora há mais uma equipe e um grupo que surgem. Em Barra Mansa existe expansão em vários bairros.

Isto nos anima.

Irmã Maria Helena, missionária de Jesus Crucificado. Foi assistente das equipes de ACO de Barra Mansa.

Reproduzimos aqui um pequeno resumo da vida e atividade dela para o conhecimento da ACO de todo o Brasil.

"Os que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça,
brilharão como estrelas para sempre."
(Dan 12,3)

Podemos, realmente, sintetizar a vida de Helena numa estrela que, na família, na Congregação, na ACO (Ação Católica Operária), no meio do povo pobre, viveu, com seu brilho, ensinando a muitos o caminho da justiça.

Em 1981 veio, com Irmã Irany Vidal Bastos e Irmã Marina Ribeiro Gomes, fundar uma comunidade na periferia de Barra Mansa, no Loteamento São Luis, onde assumiu dois trabalhos: a ACO e o grupo de Educação Popular (método de Paulo Freire). Com um amor muito forte pela classe operária, conseguiu fundar, em poucos anos, 8 Equipes de ACO. Vejamos uma pequena parte dos depoimentos de operários, que contam como foi seu trabalho:

"A ACO em Barra Mansa começou com a Irmã Helena, que chegou aqui com muito jeito de lidar com o trabalhador e, trabalhadora, foi começando sua vida missionária. Com muito carisma e amor com as famílias dos trabalhadores, ela começava de casa em casa, visitando os militantes, conversando, e sempre dando uma palavra de esperança para lutar. Tudo era começo. Ninguém tinha experiência de organizar nada. Mas ela sempre falava que a luta só iria para a frente com a organização. A ACO foi crescendo. Helena sempre incansável ... Ela deixou 8 Equipes organizadas, com militantes conscientes para assumir a luta. Helena continua muito viva em nossa luta. Um profeta nunca morre, continua vivo nas suas obras. Helena foi uma

profetiza para nós." (Domingos Moacir, Liberado Diocesano para a Coordenação da Pastoral do Trabalhador e militante da Equipe de ACO de Piteiras).

"Helena tinha para com os operários palavras de estímulo. Nunca achava pouco, o pouco que a gente tinha. Fazia sempre crescer o nível de consciência de classe, como presença viva na ACO. Era sempre uma força de reconciliação." (Olavo Rodrigues, da Equipe de ACO de Monte Cristo).

"Helena deu tudo de si pelos operários. Tinha muita coragem para lutar por um mundo melhor. A maneira dela acreditar em Deus e nos operários serviu de experiência e espelho para nós." (Nerival, da Equipe de ACO de Monte Cristo).

"Irmã Helena levava à consciência de que a mudança da sociedade era a organização dos trabalhadores e sua opção pelos trabalhadores foi evidente pelo seu grande trabalho de formação de grupos de ACO, onde ela mostrava sua força e o valor que o trabalhador tem na sociedade; a grande importância do trabalhador ter seu espaço para refletir sua vida como trabalhador e como cristão e também a importância de ser fiel ao companheiro de trabalho. Assim ele era fiel a Jesus Cristo." (Delci Nascimento da Cruz, da Equipe de ACO do Loteamento).

Assim pois, dia 18 de setembro, Deus que conhecia como Helena estava madura para o céu, veio buscá-la, para, após haver "ensinado a muitos o caminho da justiça, brilhar como estrela para sempre". (Dan 12,3).

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

MOAC E MMTC

Lázaro Silvano Ferreira

MOAC

Nosso Movimento caminha para os preparativos finais das Conversações Continentais que serão realizadas no Chile entre os dias 29 de setembro e 7 de outubro de 1990.

O questionário que foi lançado por ocasião do nosso 8º Congresso Nacional, alcançou os objetivos fundamentais de preparação e participação dos nossos delegados neste evento tão importante para a nossa unidade em nível Latino-americano.

O questionário enviado às equipes de base procurou aprofundar 03 pontos fundamentais:

- O Capitalismo hoje;
- A Igreja;
- A Mulher.

Foram respondidos cerca de 40 questionários, mostrando o interesse de nossas equipes em participar deste aprofundamento que apresenta um quadro real da situação que vivemos e um conteúdo muito rico para ser aproveitado em outras oportunidades também.

Na reunião do Conselho Nacional realizado em julho, foram eleitos os Delegados indicados pelas Equipes e Regionais para participarem das Conversações, os quais destacamos agora: Cleusa Chamon de MG, João Pinto do NE1, José Francisco do NE2 e Irmã Cecília do Sul como Assistente. Juntos com A Remédios de MG, Lázaro de SP e Pe. Mário do RJ, que são os Delegados natos, vão representar nosso país.

As Conversações Continentais terão um tema central: Solidários para um mundo sem excluídos, e vários outros objetivos levando em conta o Plano de 4 anos, a Conjuntura Inter

nacional – suas causas e conseqüências principalmente a Dívida Externa e a reação da Classe Trabalhadora e dos Movimentos frente a esta realidade.

MMTC

O MMTC, já definiu o próximo Conselho Executivo de 90, que será a partir de 19 à 30 de novembro na Austria. Remédios como Conselheira, já recebeu todo o material e as informações práticas deste Conselho.

Serão aproveitadas as indicações mais importantes das várias Conversações Continentais realizadas este ano para ajudar na preparação das Conversações Internacionais e da Assembléia Mundial de 1992.

Assim serão aproveitadas as seguintes indicações:

- Identificar os aspectos que mais marcam a vida e a ação operária;
- Avaliar a evolução da caminhada do Plano de 4 anos do MMTC;
- Liberar indicações que podem ajudar a concretizar as próximas Conversações Internacionais e a Assembléia Geral de 1992.

PUBLICAÇÕES DA AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA – ACO

As publicações da Ação Católica Operária – ACO, são todas de linguagem simples e do ponto de vista dos trabalhadores. Tem como objetivo a formação de militantes comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna.

Dividiremos nossas publicações em 3 coleções para os interessados perceberem melhor o conteúdo das mesmas:

1. **Coleção Ver, Julgar, Agir pelos 4 lados à luz da Bíblia.** Nasceu de um grupo de militantes da ACO de Santo André/SP com a preocupação de valorizar e atualizar o método de Revisão de Vida.
   Antes dos primeiros subsídios serem publicados, foram aprofundados em vários seminários regionais e nacionais da ACO.
   Fazem parte desta coleção:
   1. **Conhecer as Sociedades** (31 pg.) – Explica o método pelos 4 lados.
   2. **História do Povo de Deus** (180 pg.) – Tem como subtítulo: **Introdução para uma leitura da Bíblia.**
      Mostra a participação dos trabalhadores na organização do povo de Deus no tempo da Bíblia, desde Abraão até o exílio pelo ano 500 aC.
   3. **História do Povo de Deus.** Em preparação. Abrangerá o período do exílio até o final do primeiro século do cristianismo.
   4. **Jesus, Sua Terra, Seu Povo, Sua Proposta** (112 pg.).
   5. **Revisão de Vida:** Conhecer para Transformar (132 pg.).

   UM MOVIMENTO DE CRIANÇAS – Incluímos nesta coleção este livro publicado em conjunto com o MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças), porque segue o mesmo método Ver, Julgar e Agir adaptado para a autoformação de crianças e adolescentes.
2. **Coleção Cadernos da História da Classe Operária.**
   A idéia de se escrever a História da Classe Operária, surgiu no Congresso da ACO de 1971 em plena ditadura, quando a grande imprensa declarava nunca ter existido a Classe Operária.
   - Caderno 1 – **Gestação e Nascimento:** de 1500 a 1888 (50 pg.) – 4ª Edição)
   - Caderno 2 – **Infância Dura** de 1889 a 1919 (104 pg.) – 4ª Edição).
   - Caderno 3 – **Idade Difícil** de 1920 a 1945 (120 pg.) – 4ª Edição)
   - Caderno 4 – **Amadurecimento** de 1945 a 1964 (100 pg.) – 2ª Edição). Saiu em 1985.
   - Caderno 5 – Na redação final.
3. **Coleção Documentos de ACO.**
   1. **História da ACO** (169 pg.) – Conta a História da Ação Católica Operária, sua resistência frente à ditadura, sua Expansão, método e conteúdo.
   2. **Declaração de Princípios.**
   3. **Regimento Interno.**
   4. **Estatutos Sociais.**
      Estes livrinhos ajudam a conhecer a ACO.
   5. Folhetos para grupos novos, sob o título **Missão e Pedagogia da ACO.**
   6. **ASSUMIR** – Boletim de formação para militantes de ACO e outros. Sai de 4 em 4 meses. Traz experiências de Base e artigos de orientação operária, política e de lutas no meio popular. A encomenda pode ser por assinatura ou número avulso.
   7. **Cantando Nossa Libertação** – Cancioneiro da ACO, com 175 cânticos, dividido em 3 partes: I. Vida e luta do povo; II. Cânticos religiosos; III. Cânticos populares e folclóricos. Mais dois suplementos novos, I e II.
      Há 5 fitas gravadas para ensaio dos mesmos.

Comissão Nacional de Publicações da ACO

Para pedidos:
AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA – ACO
Rua Van Erven, 26 – Catumbi
20211 – Rio de Janeiro – RJ Fone: (021) 242-7732